

**Manifesto  
da  
juventude**



**Já Basta!**

# Manifesto da Juventude Já Basta!

***“A vida é bela. Que as futuras gerações a livrem de todo mal e opressão, e possam desfrutá-la em toda sua plenitude.”***

***(Leon Trotsky)***

## ***Introdução***

Atravessando a crise de um capitalismo insuportavelmente agressivo, que compromete cada vez mais a vida das novas gerações, floresce uma ampla juventude que se encontra na luta pelas ruas do Chile, de Hong Kong, da França, dos EUA e de uma série de outros países em que a rebelião popular se manifesta!

Somos parte desta geração, um grupo de juventude socialista, feminista, antirracista, internacionalista e profundamente ligado a classe trabalhadora e seu projeto histórico de emancipação, que se organiza e intervém politicamente para construir uma alternativa concreta à desigual sociedade que inviabiliza a concretização da existência material de milhões de seres e de nossos mais belos e diversos sonhos pela igualdade e liberdade.

Como dizia o bom e velho Engels, a única e mais sublime aventura que o capitalismo nos permite é a revolução social. Neste sentido, queremos com este manifesto apresentar sinteticamente nossa visão de mundo, que se sustenta no legado prático e teórico deixado pelo marxismo revolucionário, em contribuições e elaborações teóricas, além de práticas

históricas da luta da emancipação dos explorados e oprimidos, para apontar o que consideramos como as principais tarefas das juventude hoje.

## ***Socialista***

Entendemos que, para além das mais variadas formas de regimes e governos capitalistas, as crises mundiais econômicas, sociais, sanitárias e ambientais – mais do que nunca – são um produto de uma produção crítica e irracional dos bens materiais devido ao processo de exploração capitalista do trabalho e tudo o que significa em termos de alienação, estranhamento e coisificação, que acabam por se tornar forças destrutivas em uma dinâmica cada vez mais asfixiante e agressiva que caracteriza o capitalismo, e que vem se agravando neste século XXI.

Como expressão da manutenção e potencialização do poder destrutivo do capitalismo, além das crises econômicas de superprodução, guerras, violência estrutural contra pobres, mulheres, negros e trabalhadores, machismo, xenofobia e etc., estamos vivendo a manifestação de mais uma força destrutiva, a pandemia do Covid-19, que é resultado direto da irracio-

nalidade da produção capitalista.

Por isso, reivindicamos o marxismo, sua dialética materialista histórica e parte significativa de seu arcabouço teórico como a teoria do valor trabalho, a tendência a queda da taxa de lucro, centralidade do trabalho da classe trabalhadora, da sua autodeterminação política em organismos de base e do partido revolucionário como elementos centrais para a revolução socialista, além de uma longa lista de conceitos fundamentais para o fazer político e compreensão da realidade de hoje.

Ou seja, o conjunto da tradição teórica e prática da política revolucionária que constituem nossas ferramentas teóricas e programáticas centrais nos orientam para intervir e interpretar a realidade nas suas mais variadas épocas, etapas, ciclos, situações e conjunturas, em uma combinação de temporalidades distintas. Tomamos essas ferramentas sempre com a perspectiva de construir políticas concretas para situações concretas e contribuir com as lutas, organização e politização dos explorados e oprimidos em cada um dos enfrentamentos cotidianos.

Isso quer dizer que, hoje, nossa luta se sustenta na defesa e manutenção dos nossos direitos econômicos, sociais e políticos democráticos, conquistados historicamente e com muita luta, de maneira combinada, e sem jamais perder o horizonte estratégico revolucionário, com a construção de um governo dos/as e para os/as trabalhadores e trabalhadoras, como transição para uma sociedade sem patrões e sem exploração.

Em um Brasil de Bolsonaro – onde reina o ódio e ataques sistemáticos aos explorados e oprimidos –, somos socialistas porque acreditamos na emancipação internacional da classe trabalhadora, das mulheres, dos negros e da juventude, opondo-nos categoricamente ao modelo de sociedade que o grande capital e seus governos antidemocráticos impõem de cima para baixo.

## ***Uma juventude classista***

A juventude Já Basta! se coloca nas trincheiras com a classe trabalhadora nas suas mais variadas frentes de luta. Em 1848, Marx e Engels, no Manifesto Comunista, apontaram que “a emancipação da classe trabalhadora deve ser conquistada pela própria classe trabalhadora”, máxima que se confirmou por diversas vezes durante o século XX e está se confirmando também no século XXI, pelas experiências que estamos vivendo nestes últimos anos, em que as poderosas rebeliões populares não se convertem em verdadeiras revoluções porque a classe trabalhadora como classe tem estado ainda ausente.

A classe trabalhadora, como classe, por meio de seus métodos de autodeterminação, sua organização de luta e o seu poder de paralisar e quebrar o funcionamento da lógica de exploração é decisiva para a transformação profunda da realidade. É por isso que participamos e impulsionamos a luta de todos e todas oprimidos/as, mas sempre reivindicamos o protagonismo da classe trabalhadora, pois a história indica que esta é a única via para a derrubada do Estado capitalista e para o processo de construção de uma sociedade socialista de fa-

to, ou seja, livre da exploração, da violência de gênero, do racismo, das desigualdades, etc.

Entretanto, reivindicamos e ressaltamos a imensa riqueza que carregam as rebeliões populares no necessário processo de relançamento do marxismo revolucionário internacional neste século, pois estamos presenciando a olhos vistos uma juventude internacional protagonizar, junto ao movimento das mulheres, da luta antirracista e de outros explorados e oprimidos, a construção de um platô político distinto do posto nos anos 90.

Essa geração está se colocando na linha de frente das batalhas contra o neoliberalismo, governos de extrema-direita e o Estado capitalista, e que precisa ser imensamente valorizada! Trazem novamente a luta de classes para as ruas, enfrentam a repressão com métodos da luta direta, derrubam estátuas de figuras racistas que estavam consolidadas e normalizadas socialmente, isto é, nos mostram que a história não está escrita.

Trata-se de uma juventude que faz escola na luta de classes, abarcam ensinamentos fundamentais e densas perspectivas de um levante mundial das novas gerações, que forjam e lançam uma nova experiência de luta a partir da disputa direta pelas ruas como um forte componente de inediticidade.

Presenciamos uma construção radicalizada de uma histórica onda de processos de enfrentamentos aos governos de direita e ao sistema político-econômico insuportavelmente agressivo do século XXI. É a velha luta de classes, mas renovada, que precisa ser generalizada,

melhorada e avançar para que as condições de novas revoluções sejam postas.

Uma nova geração de lutadores e lutadoras que se prova é fundamental para resistir aos ataques imediatos dos governos e patrões em todo o mundo, mas também para criar o terreno político propício para o resgate do protagonismo da classe trabalhadora e os seus métodos, para a luta direta, independente, auto-organizada e internacionalista, capaz de não só resistir mas de criar as condições para a luta por um mundo novo.

Uma geração de jovens que se ligue organicamente à classe trabalhadora capaz de enfrentar a repressão nas ruas, se organizar nacionalmente de forma democrática e pela base e organizar partidos revolucionários capazes de disputar processos eleitorais mas principalmente atentar contra o estado capitalista de forma eficiente para construir um estado operário, como parte da experiência das massas da juventude, das mulheres, dos negros e da classe trabalhadora em bloco.

Por isso, somos contrários a falsa ideia do socialismo de aparato, escorado numa referência a burocratização dos processos revolucionários do século XX, principalmente à degeneração da revolução russa de 1917 baixo a nefasta política stalinista, e assim reafirmamos as palavras de Lênin: “toda cozinheira deve aprender a governar o Estado”.

## **Educação**

O modelo atual de educação formal, tem se mostrado insuficiente e aprofundador da desi-

gualdade social, atuando fortemente como fonte de produção e reprodução do conhecimento para a manutenção da classe dominante em nível nacional e internacional, ou seja, para a expansão e inovação da maquinaria produtiva exploradora e opressora do sistema capitalista.

A educação do capitalismo tem por princípio estruturador uma formação extremamente segregacionista, no que diz respeito ao acesso, ao conhecimento formal e sua reprodução da divisão social e técnica do trabalho, tendo em vista a legitimação dos interesses das classes dominantes e negando a construção de uma alternativa socialista à reprodução da sociedade atual.

A educação formal e os processos de reprodução social são indissociáveis, por isso entendemos que esta ferramenta, que é fundamental à emancipação dos explorados e oprimidos, deve passar por uma transformação radical. Uma educação emancipadora exige que os conteúdos, valores e práticas educacionais cumpram suas funções históricas de enfrentamento à toda forma de exploração e opressão, combatendo o projeto neofascista da “Escola sem partido”, o neotecnicismo da política das “competências” que perpassa em praticamente toda a educação mundial e toda pedagogia, e que reproduz a lógica da dominação e exploração.

Mas, a luta educacional não passa apenas por dentro das salas de aula e escolas, pois a educação não-formal também é uma dimensão fundamental da educação como um todo. É fundamental expandir a educação contra a

exploração e opressão dos setores historicamente excluídos da sociedade para todos os espaços de convivência social, não apenas na educação formal, pois nos processos de produção, circulação e troca, bem como no de organização e luta à frente da educação não formal, a estruturação de espaços de educação não formal emancipadores são fontes fundamentais de uma educação política que construa a luta emancipatória.

Queremos dizer, em termos de educação não-formal, a luta pela construção de espaços verdadeiramente democráticos e independentes da classe dominante e da burocracia, ou seja, e auto-organizados, nos movimentos, sindicatos e partidos, é uma condição imprescindível da educação socialista. Portanto, fundamental para o relançamento da ofensiva socialista que começa a erguer os seus estertores com as rebeliões populares que estamos vivenciando nos últimos anos em vários países e que, agora, com a rebelião da juventude negra, faz o chão do principal país imperialista do mundo tremer e que podem ter desdobramentos fundamentais para a luta da juventude, dos negros, das mulheres e dos trabalhadores em geral.

Nos últimos anos participamos ativamente de lutas da educação em vários governos: ocupação das escolas secundaristas em vários Estados contra a “reorganização”, lutas nas universidades em defesa das cotas para negros/as, luta nacional contra a “escola sem partido”, luta contra os cortes de verbas e outros ataques do governo Bolsonaro.

Todas estas lutas tiveram no centro a defesa

prática de uma educação voltada aos interesses da maioria, impacto nacional, mas, devido a política das direções burocráticas do movimento estudantil, não puderam ainda formar organizações superadoras do lulismo. No entanto, estamos falando de uma série de lutas diretas vitoriosas que estão formando uma nova geração de jovens lutadores com uma radicalidade não vista nas últimas décadas.

Especialmente no âmbito da luta estudantil, na Universidade de São Paulo, uma das últimas a adotar as cotas étnico-raciais, ferramenta central de uma necessária reparação histórica, construímos, enquanto parte da direção do DCE junto a outras organizações e em unidade com o movimento negro, que foi totalmente protagonista nesta batalha, esta importante e contundente vitória em uma das mais elitizadas e antidemocráticas universidades do país.

Contudo, entendemos que a luta não para por aí. É preciso continuar e entender a centralidade da luta pela permanência dos estudantes socialmente e historicamente excluídos dos espaços de produção do conhecimento científico e teórico - reproduzindo a divisão entre os que pensam e os que fazem -, a partir da luta por condições que possibilitem uma vida acadêmica digna, para que de uma vez por todas, estes/as estudantes em todos os níveis assumam plenamente a condição de sujeitos individuais e coletivos que sejam protagonistas da elaboração do conhecimento.

Reivindicamos que, apenas a partir de uma luta dos secundaristas e estudantes universitários, em unidade com os nossos educadores do ensino básico e superior, e com todos os

trabalhadores das instituições de ensino que apontem ao rompimento das barreiras socioeconômicas de acesso à educação, construindo a bandeira da universalização da universidade pública - o Fim do Vestibular (ferramenta de sedimentação na segregação do acesso às universidades) - é que poderemos avançar para uma educação verdadeiramente transformadora, universal, laica, pública e de qualidade, sobrepondo-se aos interesses das elites e do capital.

## ***Ecologia***

As experiências do século passado, assim como as transformações vivenciadas nas últimas décadas, a partir de um sistema construído pela usurpação global da natureza e da riqueza pública, mostram que as forças produtivas continuam avançando e o caráter contraditório que sempre teve o desenvolvimento capitalista, simultaneamente, se colocam como forças produtivas e destrutivas em uma irracionalidade nociva.

Sob o marco de pandemias e novos patógenos surgidos neste século, colocamos a necessidade de desenvolver um olhar de maior alcance, colocando em questão o modo de produção capitalista que caminha a passos larguíssimos em direção a uma crise ecológica sem precedentes. Como aponta o biólogo socialista Rob Wallace em seu livro “Big Farms Make Big Flues” (Grandes Fazendas Fazem Grandes Gripes), a crise da pandemia do Covid-19, é produto direto da dinâmica de monoprodução extensiva animal do sistema capitalista - uma combinação fatal.

O sistema capitalista, em partindo de uma crise recessiva que não se resolveu desde 2008, somada a ataques globais aos explorados e oprimidos, ajustes econômicos e negação de direitos elementares para trabalhadores, mulheres e jovens, a crise ecológica se coloca como parte importante e intrínseca da crise do capital, não apenas como mero complemento. Movimentos que se levantam contra a destruição ecológica, em geral, têm como centro a juventude e os estudantes, e culminam em ações como a *Greve Mundial Pelo Clima*, da qual participamos ativamente em 2019, que se mostrou como a ação internacional mais importante da história recente do capitalismo.

Diante desse marco temos tarefas programáticas e construtivas que abordem essa questão a partir de um ponto de vista *anticapitalista*. Estão colocados desafios pela construção de um programa que desmistifique as ilusões do “*capitalismo verde*”, na inutilidade capitalista e imperialista, que apostam nas reuniões internacionais dos órgãos mundiais e acordos climáticos como o de Paris e também nos governos genocidas ambientais como Trump, Bolsonaro, Orbán e outros, que têm no negacionismo um ponto de apoio na defesa do lucro a qualquer custo.

## **Gênero**

Somos feministas pois acreditamos que o processo de feminização das lutas, na conexão entre as pautas em conjunto com uma constante reavaliação das práticas revolucionárias.

O contexto atual de retrocessos e aumento da violência de gênero coloca a necessidade de

um movimento que tenha a política feminista socialista como norte. A juventude cíclica e historicamente se rebelou contra o conservadorismo para se erguer e golpear tanto o capitalismo como patriarcado com um só punho, foi assim na Argentina e Chile - mais recentemente.

No Brasil, movimentos como o #EleNão lutam pelos direitos da juventude trabalhadora, estudante, feminina, LGBTQIA+, negra e periférica. O feminismo socialista é uma oposição contundente à proposta reacionária do governo Bolsonaro, que simboliza a destruição dos direitos democráticos e todos as vitórias recentes por uma sociedade mais justa, livre da opressão e exploração.

A juventude secundarista brasileira traz uma enorme lição em conjunto com a capacidade de liderança das mulheres cada vez mais contundente. Em 2015, esse movimento que ocupou diversas escolas no estado de São Paulo, balançou não só as estruturas da educação, mas também a maneira da juventude se organizar nas escolas públicas, com destaque para um grande protagonismo feminino fruto do crescimento da pauta feminista na América Latina.

A política machista, misógina e homofóbica de Jair Bolsonaro são a expressão concreta do avanço da direita conservadora e obscurantista às escolas públicas, empregando um falso combate a “ideologia de gênero”. Direitos, como a educação sexual laica e científica, com perspectiva de gênero ficam ainda mais distantes da realidade para a camada mais vulne-

rável da população jovem, vítimas da violência machista, da gravidez precoce, e da naturalização da violência ao corpo feminino, principalmente negra e transexual.

Elementos que também provocam a cobrança pelos padrões estereotipados e predefinidos de gênero e beleza, também nos locais de estudo. Afetam a saúde mental e levam muitas vezes a distúrbios alimentares, e ainda mais grave é a violação dos direitos sexuais e reprodutivos, que obrigam meninas a manterem gestações indesejadas através da criminalização do aborto, sendo um dos principais fatores da evasão escolar, assim como a homofobia.

Os jovens LGBTQIA+ dentro da estrutura social heteronormativa são as principais vítimas do preconceito, ódio e da manifestação de violência, além da rejeição familiar ser frequente ao assumirem sua sexualidade. A união destes fatores com o comprometimento da formação escolar provoca um efeito em cadeia, que faz com que esses jovens tenham baixa expectativa de vida e se tornem vítimas do desemprego e da exploração sexual.

Em nosso país, a realidade é que existe um número diminuto de políticas públicas que visam solucionar ou combater estas questões. Por este motivo é fundamental fortalecer nossos espaços de luta e ampliar a discussão, proporcionando uma maior participação da comunidade LGBTQIA+. É necessário reconhecer e proteger todos os direitos civis como nome social, casamento igualitário, direito de ir e vir e livre manifestação, expressão artística e de identidade, estudo e trabalho digno. Deve-

mos garantir o acesso total a todas as conquistas já obtidas, e viabilizar a construção e ação de novas, atendendo a essas demandas imprescindíveis.

Com o feminismo na ofensiva, essas novas gerações de lutadoras e lutadores têm escrito uma nova história social. Presenciamos sua contribuição cultural para mudança de comportamentos e principalmente sua participação política em inúmeras lutas ao redor do mundo. Uma juventude plural, trabalhadora e de todas as cores, que não está esperando por saídas institucionais dos governos contra as desigualdades sociais e o machismo, mas que querem protagonizar nas ruas, com sua própria forma e identidade uma nova experiência de luta por uma sociedade livre de todas as opressões, rica de tolerância, justa e principalmente mais diversa, pelo direito de viver!

## ***Racismo***

As relações sociais hoje sedimentadas e fenômenos cristalizados na sociedade capitalista e sua totalidade, jamais devem ser compreendidos de maneira anacrônica - como algo que está aí desde sempre e para sempre. Toda reprodução social é um produto histórico, resultado da atividade de toda uma sucessão de gerações, como apontaram Marx e Engels. Dizemos isto porque entendemos que o racismo e a escravidão devem ser compreendidos como fenômenos históricos fundamentais na construção e reprodução dos sistema econômico-político que é o capitalismo.

O conceito de raça parte de premissas políti-

cas e ideológicas historicamente instituindo o racismo de maneira global como justificativa para a escravidão, evento histórico que sustentou o desenvolvimento da economia capitalista mundial, que com o passar do tempo se reconfigurou na sociedade moderna - ontem a senzala, hoje as favelas.

No Brasil, último país a abolir a escravidão e o país mais negro fora do continente africano, as marcas sociais deste criminoso processo histórico estão presentes na vida social cotidiana de maneira estrutural. Negros e negras totalizam os excluídos em relação para com os direitos básicos e fundamentais, através de um racismo institucional, que amplia as diferenças sociais e econômicas entre os privilégios individuais dos brancos e um povo negro socialmente excluído. Cenário que discrimina pela cor as divisões de classe no Brasil.

O que o filósofo e historiador camaronês Achille Mbembe chama de necropolítica, quando o Estado escolhe quem deve viver ou morrer, já há muito tempo vem sendo colocado em prática contra o povo negro, Silvio Almeida deixa claro que a raça é um elemento de naturalização da morte. Este conceito se materializa diariamente na sociedade capitalista, seja pela política genocida levada a cabo pela polícia militar brasileira, sendo a que mais mata no mundo e que 75% dos mortos pela polícia são negros e na sua maioria jovens, ou pela política de encarceramento em massa de nossa juventude negra e periférica, já que somos o terceiro país com a maior população carcerária do mundo, somando aproximadamente 773 mil presos pelas políticas de caráter racista, puniti-

vista e proibicionista.

Como disse brilhante e simplificada mente Malcolm X, “não existe capitalismo sem racismo”, assim como Angela Davis que aponta como na sociedade capitalista as opressões e a exploração sobre o negro e a negra são consequências da relação entre as classes sociais e não relações individuais, ou seja, fica claro que a desigualdade racial, a segregação e o direito à vida do povo negro são fenômenos naturalizados socialmente na sociedade capitalista sob a dinâmica complexa de um racismo estrutural sustentado pelas políticas econômicas neoliberais.

O assassinato de George Floyd foi o estopim para o levante do movimento #BlackLivesMatter e da rebelião popular nos Estados Unidos. Ainda não se sabe até onde vai e qual a sua capacidade de avançar devido a algumas questões estruturais da sociedade estadunidense, como a falta de partidos revolucionários norte-americanos, por se tratar do país mais imperialista do mundo, políticas de encarceramento em massa, sistema judiciário extremamente elitizado, são alguns exemplos. Condições estas que historicamente possibilitaram massacres aos levantes negros e dos explorados e oprimidos, e agora coloca-se a nossa frente um evento histórico de inflexão na luta de classes deste século que mobiliza a luta antirracista internacionalmente.

A derrubada de estátuas de figuras responsáveis pelo tráfico de escravos e da construção de uma segregação social que a séculos compunham de maneira naturalizada as paisagens de importantes cidades internacionais come-

çam a ser derrubadas em países centrais do capitalismo, fenômeno que não podemos deixar de interpretar como um explícito recado dessa nova geração internacional de lutadores e lutadoras de que a história não está escrita, quem faz a história é a luta de classes.

É com esse horizonte que a nossa juventude se levanta e se soma a luta do movimento negro protagonizado por uma nova juventude internacional e principalmente feminina, para combater e lutar pelo fim desta sociedade segregacionista e por uma emancipação do povo negro, através de seu protagonismo, que só pode se concretizar pelo fim do sistema capitalista.

## **Trabalho**

Em pleno século XXI milhões de jovens iniciam suas experiências enquanto despossuídos dos meios de produção sob o signo de intensas mudanças nas relações de trabalho, onde precarização e superexploração das/dos jovens trabalhadores caminham lado a lado. Mudanças estruturais no processo de acumulação capitalista recolocam formas de exploração que pareciam já superadas há muitas décadas.

Por um lado, temos uma juventude que parte já em condições instáveis, precárias ou, mesmo para aqueles que se inserem em empregos estáveis, presenciam uma série de medidas que caminham no sentido de destruir conquistas históricas.

Ao mesmo tempo que fica evidenciado que há um caráter geracional nas mudanças de natu-

reza histórica em curso - e de como o neoliberalismo aplicado por sucessivos governos está deixando o trabalho mais precário - é necessário colocar que as condições de trabalho precárias têm sido a experiência da maioria das e dos trabalhadores ao longo da história do capitalismo e as mudanças que aconteceram no sentido de melhores condições de trabalho e mais direitos são fruto da organização e luta dos explorados e oprimidos.

Se por um lado estamos diante de transformações que colocam mudanças objetivas e subjetivas na formação de consciência de classe, por outro estamos diante de velhas direções que estão muito aquém dos desafios colocados pelas novas gerações e para elas. Instrumentos de organização e luta surgidos em períodos de ascenso da luta de classes anteriores estão colapsados e inertes diante de uma conjuntura que exige radicalização nas ruas, são direções, sindicais e partidárias, que estão aptas a se tornarem peças de museu da história.

Por outro caminho a juventude trabalhadora encara um capitalismo insuportavelmente agressivo, sem perspectiva digna de futuro e se coloca na dianteira dos processos de luta que não deixam espaço para aqueles que são meros espectadores da realidade e que aguardam quietos alguma chance de retornar com base nos mesmos programas e métodos. A luta dos e das entregadoras é um exemplo que mostra que é possível batalhar apostando na auto-organização, tarefa de enorme envergadura que é colocar em movimento setores que têm como característica a atomização de suas atividades sob os algoritmos de empresas que

os exploram até o completo esgotamento.

## **Cultura**

No capitalismo tardio que vivemos, a palavra “*cultura*” tem sido utilizada de tantas formas, a ponto de quase esvaziar-se de seu conteúdo. Essa palavra pode designar aspectos gerais de formas de expressão artísticas, de sociabilização, do fazer político, etc., da mesma forma que pode ser usado para as atividades e cotidiano artístico geral – como cinema, teatro, música, esportes, religião - , muitas vezes possuindo um tom hierarquizado, entre uma “alta cultura”, elitizada, e uma “baixa cultura”, marginalizada, e que se dividem em atividades específicas de cada grupo social que formam a (s) sociedade(s).

Quando utilizada para designar um certo “grau” de Educação formal de um indivíduo ou de um grupo, o termo “cultura” absorve ainda mais esse caráter hierárquico e segregante histórico. Esse conjunto de significados para o mesmo termo, tem ao seu final o mesmo fundamento: a individualização da formação cultural do ser social, atribuindo-lhe toda a responsabilidade dessa formação como se fosse uma escolha individual.

O fato é que, o termo popular de “cultura”, como forma geral de sociabilização, implica necessariamente em alguns aspectos da prática social para que se atinja a “finalidade” que carrega o termo, reproduzir-se e/ou transformar-se. Esses aspectos, de forma muito aproximada, se resumem em: condições objetivas de sociabilização, ou seja, as possibilidades reais

do meio em que o indivíduo nasce e cresce; a partir daí, condições objetivas de possibilidades de relações e mediações com objetos reais que influenciam o desenvolvimento dos aspectos culturais do indivíduo em formação coletiva; e o tipo e quantidade de mediações sociais que esse indivíduo vivencia ao longo da sua vida, com outros indivíduos e com aqueles objetos.

Condições essas, tão objetivas, mas que marcam as características gerais do que chamamos de “personalidade”, que tem seu caráter de via interna para o exterior, assumindo uma personalidade de grupo, de pertencimento, mas também pela via externa, onde a caracterização da sociedade em geral do grupo a que o indivíduo pertence também é internalizada subjetivamente.

É por isso que defendemos uma maior distribuição de todas as possibilidades de aprendizado dessas práticas sociais, além do desenvolvimento de novas, que apontem contra o sistema capitalista, entendendo sempre o conteúdo político e cultural da classe trabalhadora, da juventude, das mulheres, dos negros, indígenas, e todos aqueles explorados e oprimidos pelo capitalismo.

## ***Não se isole, se organize!***

A pandemia do COVID-19 e as novas rebeliões populares encabeçadas pela juventude e pelas mulheres colocam um ponto de inflexão histórico, que exigem não apenas promover todas as ações necessárias para enfrentar o

problema, mas também a reflexão necessária sobre como será a sociedade após a pandemia. Ou seja, estamos diante de desafios de natureza histórica e, quando a realidade material se move e o mundo das ideias e os filósofos se agitam, não cabe propor ao futuro nenhum voluntarismo subjetivista, ou materialismo vulgar objetivista.

É necessário saber enxergar no particular o universal, no geracional o histórico e no cotidiano o permanente, como pontos de apoio para que as novas gerações recriem as ferramentas políticas e organizativas para superar o capitalismo que se faz cada vez mais destrutivo para a existência dos trabalhadores, das mulheres, da juventude, dos negros, dos LGBTQIA+ e das condições de vida no planeta.

## **Venha construir conosco a**

### **Juventude Já Basta!**

*“É preciso sonhar, mas com a condição de crer em nosso sonho, de observar com atenção a vida real, de confrontar a observação com nosso sonho, de realizar escrupulosamente nossas fantasias. Sonhos, acredite neles.” (Vladimir Lenin)*